

A GEOPOLÍTICA ALEMÃ E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Wesley de Souza Arcassa¹

Resumo: A Geopolítica, suas concepções e vicissitudes são indissociáveis das turbulências e tragédias do século XX. Esta pode ser compreendida como um dos descendentes diretos do inquietante desejo humano de construir uma ciência do poder. Assim, a Geopolítica graças a uma apreensão “científica” das interações entre o homem e o espaço torna possível ascender às leis do poder. O presente trabalho tem como objetivo compreender as ideias e teorias estabelecidas pelo general alemão Karl Ernst Nikolaus Haushofer (1869-1946), autor clássico da Geopolítica. Além disso, busca-se analisar o grau de influência de Haushofer e da *Geopolitik* alemã perante as decisões estratégicas arquitetadas pelo III *Reich*, desde a subida de Hitler ao poder até o fim do regime nazista em maio de 1945. A Geopolítica, quaisquer que sejam as contribuições de Haushofer e da *Geopolitik* alemã, não poderia deixar de ser levada, após a Segunda Guerra Mundial, na derrocada das utopias científicas. Por conseguinte, deve-se ressaltar que os debates realizados em torno do suposto envolvimento de Haushofer com a política expansionista alemã são marcados por um misticismo e obscurantismo. Por vezes, este tipo de posicionamento torna-se até mesmo de cunho ideológico, reduzindo a obra do autor a mero instrumento difusor das teorias nazistas. Nesse sentido, busca-se com o trabalho abordar os aspectos biográficos, bem como a produção teórica do autor. Isso porque, as teorias e ideias preconizadas por Haushofer tiveram grande impacto, tanto durante a Segunda Guerra Mundial, quanto na produção posterior do campo de estudo da Geopolítica.

Palavras-Chave: *Geopolitik* Alemã; Karl Haushofer; Instituto de Munique.

INTRODUÇÃO

A Geopolítica, suas concepções e vicissitudes são indissociáveis das turbulências e tragédias do século XX. Esta pode ser compreendida como um dos descendentes diretos, do inquietante desejo humano de construir uma ciência do poder. Assim, a Geopolítica graças a uma apreensão “científica” das interações entre o homem e o espaço torna possível ascender às leis do poder. Entretanto, como afirma Colin S. Gray em seu *The Geopolitics of the Nuclear Era* (1977), “a geopolítica pode ter passado de moda, mas as interpretações políticas de uma realidade global comum têm um papel de grande importância, por vezes incompreensível, na maneira como definimos os problemas”.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como elemento norteador as hipóteses que versaram sobre a influência ou não das teorias preconizadas por Karl Haushofer (1869-1946) sobre as decisões estratégicas de cunho internacional, arquitetadas pelo III *Reich*. Além disso, busca-se também compreender o papel desempenhado pelo general-geógrafo diante da *Geopolitik* alemã, bem como seus desdobramentos no âmbito da Segunda Guerra Mundial.

A importância da temática abordada no estudo evidencia-se pelo fato de que sua área de concentração — Geopolítica — carece de trabalhos que envolvam os aspectos teóricos dos autores tidos como “clássicos”, sendo este campo de estudo da ciência geográfica e política, por vezes, relegado pela maior parte dos membros da comunidade científica, já que sua fase áurea encerrou-se com o término da Segunda Guerra Mundial. Assim, reafirma-se a contribuição do trabalho, o qual visa agregar novos

¹ Doutor em Geografia, IBGE/FUNEP, arcassa@gmail.com

conhecimentos a uma área ainda desprovida de significativa gama de pesquisas no âmbito da ciência geográfica.

MATERIAIS E MÉTODOS

Como princípio metodológico norteador para a elaboração do presente estudo utilizou-se principalmente o levantamento de bibliografias concernentes à temática, oriundas de diferentes fontes e suportes. Isso porque, o estudo encontra-se vinculado a um tema essencialmente teórico.

A leitura e análise de literatura especializada, bem como o emprego de um método biográfico de pesquisa, respaldaram a compreensão do período histórico e científico vivido por Karl Haushofer. Dessa maneira, tornou-se possível entender qual a ligação entre o general-geógrafo e o III *Reich*.

Os produtos finais obtidos no estudo objetivam servir de respaldo para a execução de análises e estudos futuros em relação às temáticas: *Geopolitik* Alemã; Karl Haushofer; Geopolítica Clássica; Segunda Guerra Mundial; e, III *Reich*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A *Geopolitik* Alemã e o Instituto de Munique

A análise da Geopolítica desenvolvida no espaço geográfico alemão é, em primeiro lugar, consequência da derrota de 1918, do Tratado de Versalhes. Para os cientistas alemães e, portanto também para os geógrafos, tratava-se sempre de elaborar as ferramentas de um saber adaptado, que ajudariam a Alemanha a obter o lugar a que tinha direito na Europa e no mundo. Assim, objetivou-se ultrapassar a Geografia Política de Ratzel e por no seu lugar a Geopolítica.

Segundo a distinção de Haushofer, a Geografia Política interroga-se sobre a distribuição do poder estadual no espaço, bem como sobre o seu exercício nesse espaço, enquanto a Geopolítica tem por objeto a atividade política em um espaço natural. A Geografia Política observa as formas do ser estadual, enquanto a Geopolítica se interessa pelos processos políticos do passado e do presente. Dessa maneira, para Haushofer *apud* Defarges (2005, p. 83):

[...] a geopolítica fornece a reserva permanente de saber político que se pode ensinar e aprender; este, como uma ponte necessária ao salto para a ação política, como uma espécie de consciência geográfica que conduz ao ato, deve levar ao melhor lugar possível para saltar, ao último ponto sólido para que este salto seja pelo menos executado do domínio do saber para o domínio do poder e não do domínio da ignorância para o do poder, o que seria um salto maior e mais incerto.

Perante esta afirmação, torna-se necessário destacar o sentido do conceito de poder, o qual perpassa grande parcela das ideias expostas pelo teórico. Para Claval (1979, p. 10): “Poder não é apenas estar em condições de realizar por si mesmo as coisas, é também ser capaz de que sejam realizadas por outros. Ao império direto sobre o mundo acrescenta-se assim um império sobre os outros”. Esta ideia, que foi abordada de forma obstinada pela Alemanha hitleriana, acabou por aniquilar as pretensões nazistas, bem como, os ideais haushoferianos.

Conforme a definição oficial de Haushofer *apud* Dorpalen (1942, p. 23, tradução nossa):

Geopolitik é a doutrina do desenvolvimento político das relações terrestres (*Erdgebundenheit*).

Está baseada nos vastos fundamentos da Geografia, particularmente Geografia Política, como a doutrina dos organismos político-espaciais e sua estrutura.

As descobertas da Geografia quanto ao caráter dos espaços terrestres fornecem a estrutura para a *Geopolitik*. O desenvolvimento político deve ocorrer dentro deste quadro para que tenha sucesso permanente. Aqueles que moldam a política, ocasionalmente, vão além desse quadro, porém, mais cedo ou mais tarde, o caráter terreno do desenvolvimento político sempre prevalecerá.

Assim, *Geopolitik* torna-se a doutrina de uma arte. Guia da prática política até o ponto em que esta deve dar o passo rumo ao desconhecido. Somente se inspirado pelo conhecimento geopolítico, esse passo pode ser bem sucedido.

Geopolitik deve e se tornará a consciência geográfica do estado.

Na sequência de Friedrich Ratzel (1844-1904) e dos geógrafos alemães, Karl Haushofer reformula a interrogação: qual é o lugar justo da Alemanha no mundo? Enquanto Ratzel é influenciado pela vitória alemã incompleta e inacabada de 1871, Haushofer apenas sabe raciocinar a partir do traumatismo imposto pela derrota alemã na Primeira Guerra Mundial, sobre o qual desenrola sua ambição de construtor de uma disciplina.

Em 1931, antes, portanto da constituição do III *Reich*, foi fundada a Associação de Estudo de Geopolítica (*Arbeitsgemeinschaft für Geopolitik*). Entretanto, após a ascensão de Hitler ao poder, a Associação de Geopolítica é transformada no Instituto de Geopolítica de Munique. A famosa publicação mensal *Zeitschrift für Geopolitik* (Revista de Geopolítica) também fundada e dirigida por Haushofer, transformou-se em uma espécie de órgão oficial do Instituto.

Segundo Tosta (1984), o Índice Estratégico do Instituto de Geopolítica tornou-se um arquivo sistemático que abarcando o mundo inteiro constituiu, na época, o corpo de conhecimentos mais completo e classificado posto à disposição de um Estado-Maior para a realização de eventuais operações militares.

A atenção de Haushofer e de seus adeptos fixou-se em cinco pontos principais: Autarquia; *Lebensraum* (Espaço Vital); Pan-Regiões; Poder Terrestre *versus* Poder Marítimo; e, Fronteiras.

Autarquia é, segundo os geopolíticos alemães, o ideal de autossuficiência nacional no sentido econômico. Isso presume que cada unidade política deve produzir tudo do que necessita.

O ideal de autarquia só poderia ser atingido pela unidade política que possuísse um espaço tão amplo que, abrangendo os principais climas bem como as mais diversas terras aráveis, assegurasse a produção de todos os recursos agrícolas. Além disso, o território desse Superestado deveria também conter os minerais indispensáveis a uma nação industrializada (TOSTA, 1984, p. 64).

O termo *Lebensraum* (espaço vital) foi empregado pela primeira vez nas páginas da *Zeitschrift für Geopolitik*, que afirmou ser a Geopolítica uma das armas mais poderosas na luta pela distribuição mais justa dos espaços vitais da terra, uma distribuição baseada antes na capacidade de trabalho e nas realizações culturais dos povos do que nas ocupações impostas pela força.

Nesse sentido, segundo as concepções de Silva (1996), foi o uso generalizado do termo *Lebensraum* e sua popularização, que contribuiu decisivamente para o surgimento de definições obscuras, e isto se

deveu em parte ao modo pelo qual Haushofer e o grupo de geopolíticos o empregaram. Neste sentido, tornou-se patente que o protagonista da geopolítica alemã, na verdade possuía falhas teórico-metodológicas imensuráveis, para quem supostamente teria influenciado uma corrente de pensamento na Alemanha e mesmo a política de Hitler.

Para os geopolíticos alemães, *lebensraum* consistia no direito que uma nação tem de ampliar o espaço para sua população. Além do simples espaço, o *lebensraum* leva em conta todos os recursos naturais e humanos a serem encontrados em qualquer área reivindicada por um Estado como seu justo espaço vital.

A reivindicação desse direito repousa sobre um fato e uma teoria. O fato: o crescimento diferencial dos Estados. A teoria: o Estado como organismo sujeito a leis biológicas. O corolário dessa teoria é que um Estado jovem, em crescimento, deve expandir-se. As sérias pressões demográficas que ocorrem, presentemente, em determinadas regiões da terra poderão conduzir alguns povos a violentas lutas pela posse de espaços vitais (TOSTA, 1984, p. 65).

Outro aspecto de suma importância analisado exaustivamente por Haushofer, consiste no conceito de *Pan-Região*, as quais consistiam em áreas supercontinentais que permitiriam a realização do ideal de autarquia defendido pelos geopolíticos alemães. Esse conceito encontra-se associado ao de *Pan-Ideia* que, segundo o próprio Haushofer, se refere à ideologia. Estas pan-ideias supranacionais, isto é, são ideias que abarcam diversos Estados e que se manifestam no espaço como o pan-asiatismo, o pan-americanismo, o pan-africanismo, o pan-arabismo etc. (Figura 01). Assim, segundo Vesentini (2005, p. 21):

Haushofer esboçou uma “ordem mundial ideal”, resultado de uma desejável aliança entre Alemanha, Rússia e Japão (evidentemente contra a Inglaterra, a França e a China; e sem mexer com os Estados Unidos e a sua *pax* americana no novo continente), que consistiria na divisão do mundo em quatro “blocos” ou zonas continentais.

Figura 01: As Pan-Regiões de Karl Haushofer.



Fonte: GRAY; SLOAN, 1999, p. 227.

Conforme as explicações de Mello (1999, p. 79) sobre a temática:

O haushoferismo advogava uma aliança da Alemanha com a Rússia e o Japão, que deveriam ajustar suas respectivas esferas de influência e formar uma nova constelação de poder na Eurásia. Na visão de Haushofer, esta partilha levaria à constituição de três grandes áreas supercontinentais denominadas pan-regiões: a *Euráfrica* (englobando Europa, África e Oriente Médio) — submetida à suserania alemã; a *Pan-Ásia* (abarcando a China, Coréia, Sudeste asiático e Oceania) — sob domínio japonês; e, entre ambas, a *Pan-Rússia* (gigantesca zona-tampão formada pela Rússia, Irã e Índia) — tutelada pela ex-União Soviética. Finalmente, o general-geógrafo alemão concebia ainda uma quarta pan-região — a *Pan-América* —, que englobava todo o continente americano sob o domínio dos EUA. Em síntese, a *Geopolitik* de Haushofer defendia a constituição de um bloco transcontinental eurasiático, formado por uma aliança russo-germânico-japonesa, que teria à sua disposição um excedente de poder não compensado, em termos militares, econômicos e demográficos, capaz de colocar em xeque o poderio naval do império britânico.

O conceito de Poder Terrestre *versus* Poder Marítimo preconizado pelo general-geógrafo teve como inspiração as concepções do geógrafo inglês, Halford Mackinder. Segundo explicações de Vesentini (2005, p. 21):

Haushofer fez largo uso das ideias de Mackinder, adaptando-as para um prisma alemão. Se o geógrafo inglês pensava na perspectiva do poderio britânico, o militar alemão, que classificou o texto de Mackinder de 1904 como “uma obra-prima geopolítica”, fez uma leitura às avessas e teorizou sobre as condições para se fortalecer o Estado germânico. Mackinder era defensor do império britânico e até mesmo anti-germânico e anti-russo: a seu ver o maior perigo para a Inglaterra seria uma eventual aliança Alemanha-Rússia, as duas potências europeias que juntas poderiam facilmente controlar a *heartland*. Haushofer, citando a frase “É preciso aprender com o inimigo”, minimizava as diferenças ideológicas entre o nazismo alemão e o comunismo russo e enfatizava a necessidade dessa “aliança natural” entre os dois Estados para se contrapor ao então poderoso império britânico.

Os geopolíticos alemães examinaram atentamente o aspecto global do mundo, segundo o qual o conjunto Eurásia-África seria a mais poderosa de todas as combinações terrestres e constituiria a principal ilha do oceano mundial em torno da qual se desenvolveriam os demais continentes formados por ilhas menores. E, observando que a Alemanha, além de ser uma potência terrestre importante, possuía fácil acesso ao mar (o que não acontecia com a União Soviética), admitiram que se a Alemanha dominasse o *heartland* em parceria com a União Soviética poderia: em uma segunda fase, dominar o “crescente interior” (ilhas britânicas e arquipélago japonês); e, em uma terceira fase, reforçada pelos poderes marítimos da Inglaterra e do Japão, lançar-se à conquista do “crescente exterior” (Américas, África e Austrália), conseguindo assim, conquistar o mundo.

Conforme as afirmações de Tosta (1984, p. 70):

Sobre o conceito *Poder Terrestre* “versus” *Poder Marítimo*, Haushofer também salienta que as bases do poder marítimo já não estão seguras, pois que um Estado com o controle da massa continental atrás dessas bases poderia capturá-las por um ataque terrestre. Admite, por outro lado, que o domínio do mundo por uma potência marítima não pode ser eterno. Esse domínio pode acabar de repente como consequência de uma redução de poder ou em virtude do deslocamento de uma comunicação vital à sua existência, como foi o caso de Veneza e Gênova.

Karl Haushofer e seus discípulos também conferiram grande importância ao conceito espacial de *fronteira*. Isso porque, após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o teórico dedicou-se à “patriótica tarefa” de reavivar o instinto de fronteira no povo alemão. Julgava que a falta desse instinto foi uma das

principais causas da derrota da Alemanha. Por isso, seus discípulos passaram a propagar a tese de que as fronteiras alemãs de antes da guerra estavam traçadas de acordo com princípios “justos”, “naturais”, “nacionais” e “históricos”. Assim, de acordo com o preconizado por Martin (1994, p. 42):

Interessado em criar um “lebensraum” (espaço vital) de dimensões mundiais para a Alemanha, Haushofer irá radicalizar algumas das formulações de Ratzel, sobretudo aquelas que concernem aos limites. A chave para suas proposições encontra-se na concepção biológica do Estado apresentada por Ratzel. Dado que o Estado é um organismo vivo e as fronteiras ou limites são parte integrante e inseparável desse organismo elas estão sujeitas portanto a alterações permanentes. Nas próprias palavras de Ratzel: “A fronteira aparentemente rígida não é mais do que a detenção temporária de um movimento”. Portanto, nada mais natural do que a mudança frequente de limites para os povos em expansão. Agora nas palavras de Haushofer: “Não pode haver limites fixos para a necessidade de expansão do Estado”.

Para Haushofer, o mais perfeito conceito biogeográfico de fronteira encontrava-se presente em um quadro descrito por Lucrécio Caro, no ano 95 a.C., o qual revela que “a fronteira é um campo de batalha”. Este quadro representa o último homem da terra que, armado de uma lança e postado no limite extremo do espaço, arremessa a sua arma, inúmeras vezes e sem cansar-se nunca, ao infinito desconhecido e invisível. Afirma que “em toda a literatura mundial não há melhor ilustração para a teoria científica de Ratzel” e conclui observando que a imagem descrita “está muito longe de ser um quadro de paz eterna” (TOSTA, 1984, p. 71).

As fronteiras, para os discípulos de Haushofer, são apenas um ato temporário de uma nação em sua marcha para novas conquistas, já que para o mestre: “as fronteiras são simplesmente a expressão das condições de poder político em um momento considerado”.

Os geopolíticos alemães também dão grande importância aos seguintes conceitos: 1) a fronteira é de todos os expedientes políticos o que mais prontamente dá ensejo a uma guerra e os incidentes de fronteira, por casualidade ou intencionalmente, têm provocado muitos conflitos; e, 2) as nações têm direito a “fronteiras naturais” e, quando estas estão situadas além das raias políticas, constituem um estímulo à agressão.

Estas preocupações que guiaram os estudos desenvolvidos por Haushofer atendem em grande parte a dinâmica do poder engendrada pelas grandes potências. Esta pode ser abordada a partir da concepção weberiana, pois segundo Weber (2008, p. 112):

Por motivos gerais da dinâmica do poder em si, as Grandes Potências são, com frequência potências expansionistas; ou seja, são associações que visam a expandir os territórios de suas respectivas comunidades políticas pelo uso, ou ameaça de uso, da força, ou ambas as coisas. As Grandes Potências, porém, não são necessariamente, e nem sempre, orientadas para a expansão. Sua atitude, sob tal aspecto, modifica-se frequentemente, e nessas modificações os fatores econômicos desempenham um papel importante.

Por fim, cabe ainda lembrar, que muitos dos ensinamentos de Haushofer foram deformados pelo Nacional-Socialismo. Tal fato criou uma situação de incompatibilidade entre o “grande mestre” da *Geopolitik* alemã e importantes chefes nazistas.

Haushoferismo *versus* Hitlerismo

Considerando a ideia defendida por Lacoste (2008), de que se a Geografia serve, em princípio, para fazer a guerra e para exercer o poder, ela não serve só para isso: suas funções ideológicas e políticas pareçam ou não, são consideráveis. Isso porque, é no contexto da expansão do pangermanismo (os imperialismos francês e inglês se desenvolveram mais cedo, em ambientes intelectuais diferentes) que Friedrich Ratzel realizou a obra, que, ainda hoje, influencia consideravelmente a Geografia Humana; sua Antropogeografia está estreitamente ligada à sua Geografia Política. Retomando inúmeros conceitos ratzelianos, tal como o do *Lebensraum* (espaço vital) e os dos geógrafos americanos e britânicos (como Mackinder), o general-geógrafo Karl Haushofer, pós Primeira Guerra Mundial, dá um impulso decisivo à Geopolítica. Sem dúvida, numerosos geógrafos considerarão que é incongruente estabelecer uma aproximação entre sua geografia “científica” e o empreendimento do general, estreitamente ligado aos dirigentes do Partido Nacional-Socialista. A geopolítica hitleriana foi uma expressão, a mais exacerbada, da função política e ideológica que a Geografia pode ter. Pode-se mesmo perguntar se a doutrina do *Führer* não teria sido largamente inspirada pelos raciocínios de Haushofer, devido suas relações estreitas, particularmente a partir de 1923-1924, época em que Adolf Hitler redigiu o *Mein Kampf*, na prisão em Munique.

Já segundo explicações de Vesentini (2005, p. 22):

Discutiu-se muito a respeito das ligações — reais ou imaginárias — das ideias de Haushofer com a política expansionista da Alemanha nazista. O próprio geopolítico, que se suicidou em 1946 após ter sofrido um duro julgamento no pós-guerra e estar arruinado, deixou uma espécie de carta-testamento intitulada “Apologia da Geopolítica Alemã”, na qual isenta a *Geopolitik* de qualquer responsabilidade nesse expansionismo e afirma que estava somente “fazendo ciência”, com um “método americano” (*sic*) e que até teve um atrito com Hitler. E de fato Haushofer era casado com uma judia e amigo íntimo de Rudolf Hess, que por sinal o apresentou a Hitler em 1922 (só que Hess fugiu da Alemanha em 1941, a partir do que alguns de seus amigos — inclusive Haushofer — ficaram malvistas pelo regime). Haushofer teve um filho assassinado pela Gestapo em 1944, sob a acusação de ter participado, junto com alguns militares e intelectuais, de uma tentativa de assassinar Hitler e acabar com a guerra, que praticamente já estava perdida.

Nesse sentido, o tema sobre a possível ligação entre Haushofer e Hitler representa um dos aspectos mais obscuros e carentes de documentação. Entretanto, a partir da leitura do referencial teórico para elaboração do presente trabalho tornou-se possível evidenciar, que na realidade, houve na Alemanha uma apropriação indevida das obras e concepções haushoferianas, que foram em grande parte utilizadas para justificar a agressiva expansão nazista no período anterior e durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Weigert (1944) realiza uma das melhores análises sobre as divergências existentes entre as teorias de Haushofer e o ideal nazista, pois segundo o autor:

Mas hitlerismo e haushoferismo não são idênticos. Os sonhos de império de Hitler no se limitaram, desde o princípio, a realização do *Drang nach dem Osten* (a marcha para o Oriente), aspiração alemã que existia desde muito antes que ele. Sua ambição de poder no se limitava ao estabelecimento de colônias de camponeses alemães na Ucrânia e nas estepes da Rússia. Mas além desse objetivo, os sonhos de Hitler de um poder maior e de mais e mais gente para

escravizar, como formigas trabalhadoras, o *Herrenvolk*, eram nebulosos e inconstantes. O pêndulo oscilava irregularmente entre a Rússia soviética e o Império britânico. Era incapaz de decidir de modo definitivo se deveria jogar os dados pelo império do poder naval ou pelo império do poder terrestre. Nesta hesitação, cujo melhor exemplo é sua política com a União Soviética, radica a diferença básica entre a política internacional do hitlerismo e haushoferismo. A consistência, fundada em certas regras básicas da geografia, é uma característica destacada na política de Haushofer. Nunca fez uma única mudança no plano de poder mundial que traçou penosamente com seus discípulos em 1918. Podemos imaginar bem os sofrimentos de Haushofer, para quem tudo isso não era um jogo de xadrez, senão a própria vida — a sua e a de sua nação —, quando descobriu que seus incansáveis esforços, para acostumar Hitler a pensar nos mesmos termos geopolíticos que ele, haviam fracassado. Embora os dois sonhassem com a dominação universal, Haushofer conhecia sua geografia e Hitler não. [...] Haushofer perdeu a batalha quando Hitler invadiu a Rússia. E a derrota de Haushofer deu ao mundo, que ainda não era de Hitler, uma possibilidade de sobreviver. (WEIGERT, 1944, p. 73-74, tradução nossa).

O Acordo Ribbentrop-Molotov, de 23 de agosto de 1939, constitui, para muitos, uma tentativa de concretização das ideias de Mackinder por parte de Haushofer. O semanário inglês *New Statesman and Nation*, em artigo intitulado “A Revolução Mundial de Hitler”, afirmava que Haushofer havia posto em prática a “alarmante doutrina do pivô geográfico da história”. Hermann Rauschning, em sua “A Revolução do Niilismo: Advertência ao Oeste” admite que a espetacular modificação da política de Hitler com relação à União Soviética serviu para mostrar à opinião pública britânica e norte-americana a ameaça constituída pela geopolítica alemã.

Todavia, conforme as afirmações de Tosta (1984), se for levado em consideração o sentimento anticomunista de Alfredo Rosenberg (primeiro filósofo de Hitler e seu antigo associado) e outros destacados nazistas, pode-se admitir que o Acordo Teuto-Russo de 1939 foi, na realidade, uma espetacular ação estratégica de Hitler para evitar o combate em duas frentes opostas. Embora haja, nos trabalhos de Haushofer, muitas indicações de que o autor preferia a “amalgamação” à conquista, o caminho mais seguro para a Alemanha nazista dominar o *heartland* seria a conquista da União Soviética.

Dessa forma, de acordo com os argumentos de Mello (1999, p. 82):

Diversamente de Haushofer, Hitler parecia não conhecer as ideias de Mackinder nem demonstrava possuir concepção geopolítica coerente da política de poder alemã. Aliás, nada indica que sua visão global da política exterior nazista estivesse embasada em qualquer conhecimento sistemático e organizado de geopolítica.

Em suma, Haushofer concebia uma constelação anti-britânica de poder, com seu eixo no *heartland* russo-soviético, estando o território alemão conectado ao japonês através de uma rede de transporte terrestre. Porém, as linhas mestras da política externa formulada pelo *Führer* apontaram justamente para a direção oposta dos blocos de poder (pan-regiões) arquitetados pelo general: a aceitação da hegemonia naval e colonial da Inglaterra em troca do reconhecimento da supremacia continental alemã, com base em um ajuste recíproco feito com a Rússia.

Esses são os principais aspectos da complexa relação entre a geopolítica inglesa e a *Geopolitik* alemã que permitem tanto demonstrar a influência de Mackinder sobre Haushofer, quanto refutar a suposta ascendência de Haushofer sobre Hitler. “O *Führer* era, quando muito, um neófito em problemas geopolíticos, ignorava certamente a visão mackinderiana da pugna oceanismo *versus* continentalismo e

não existe nenhum indício, em seus escritos, de que se tenha inspirado nas ideias de Haushofer para formular as linhas mestras da política externa do III *Reich*” (MELLO, 1999, p. 90).

Outro ponto que ainda deve ser destacado consiste no fato de na biografia definitiva de Hitler, escrita por Fest (1976), autor este considerado por muitos teóricos como um dos maiores especialistas em nazismo, há somente uma única alusão à figura de Karl Haushofer. Segundo o autor, pode-se perguntar se no *Mein Kampf* a concepção,

[...] de lógica e realismo tão desumanos, era fruto de um raciocínio pessoal ou inspirado por teorias de terceiros. E perfeitamente evidente que a ideia do espaço vital, seu ponto de partida decisivo, penetrou na mente de Hitler por intermédio de Rudolf Hess. Graças à sua ardente admiração pelo “homem”, como gostava de designar Hitler, com o fanatismo de verdadeiro crente, Hess conseguira pouco a pouco afastar do detento de Landsberg todos os rivais e, muito particularmente, disputar com Emil Maurice o posto de secretário. Desde 1922, tinha igualmente colocado Hitler em contato com seu professor, Karl Haushofer, que partindo de uma tese de geografia política apresentada pelo inglês Sir Halford Mackinder, sob o título de Geopolítica, tinha feito disso uma filosofia de expansão imperialista. Apesar da insensibilidade maquiavélica que caracterizava o projeto de conquista elaborado por Hitler, não estava isento da segurança um tanto fluida a respeito da força daquilo que Mackinder chamava o “coração do continente”. Protegidas por gigantescos territórios contra qualquer ataque, tornadas invulneráveis, a Europa oriental e a Rússia europeia seriam a cidadela da dominação mundial e, como havia prometido o fundador da geopolítica: “Quem controla o coração do continente domina o mundo.” É provável que o estranho e mágico racionalismo de tais fórmulas pseudocientíficas tenham precisamente correspondido às estruturas da inteligência de Hitler, pois, para ele, também o conhecimento tinha suas zonas misteriosas. Mas, qualquer que seja a contribuição tangível desta ou daquela influência, o “talento combinatório” de Hitler raramente se manifestou de maneira tão impressionante quanto nessa tentativa de elaborar um amplo projeto de política externa. Ele definiu, num sistema coerente, as relações da Alemanha com as grandes potências europeias, a necessidade de represálias contra a França, às aspirações ao espaço e à conquista, o espírito do tempo e, enfim, as diversas fixações ideológicas. (FEST, 1976, p. 264-265).

O obscurantismo que se abateu sobre a noção de geopolítica após a Segunda Guerra Mundial resultou da convicção de que se tratava de uma ciência nazi, de um aparelho de conceitos que serviram para justificar as ambições hitlerianas.

No entanto, cabe ressaltar, que a geografia política de Ratzel e mais tarde a geopolítica de Haushofer constituíram componentes importantes do clima intelectual e moral da Alemanha dos anos 1890 a 1945. Em particular, os ensinamentos, os artigos e os livros de Karl Haushofer sustentaram numerosos jovens ligados ao nazismo (principalmente seu discípulo Rudolf Hess) ou que se juntaram a ele depois da chegada de Hitler ao poder. Da mesma forma, a revista comandada por Haushofer, *Zeitschrift für Geopolitik* (ZfG), não soube escapar às tensões entre nacionalistas conservadores e nazistas.

Quanto à Haushofer, cabe lembrar, que era evidentemente entusiasmado, fascinado por Hitler e pela ascensão da Alemanha a partir de 1933. Ao longo dos anos de 1933 a 1940 tornou-se um conferencista muito convidado; a Geopolítica era ensinada nas universidades e escolas superiores.

De maneira mais ampla, a Europa entre as duas guerras foi dilacerada por paixões extremas e violentas: lutas entre ideologias (liberalismo democrático, comunismo soviético, fascismo, nazismo) e conflitos entre nações misturavam-se, combinavam-se ou opunham-se. Dessa maneira, tornou-se muito difícil à geopolítica não estar comprometida, quaisquer que fossem as intenções dos seus especialistas e teóricos.

Contudo, há um mal-entendido ou uma incompreensão trágica entre o empreendimento hitleriano e o empreendimento da Geopolítica. Isso porque, segundo Martin (1995), não se pode responsabilizar toda a geopolítica pelos sonhos de conquista do III *Reich*. Diga-se de passagem, se Hitler tivesse dado mais atenção a seu conselheiro geopolítico, major-general Karl Haushofer, quem sabe nunca tivesse invadido a União Soviética. Isto porque, para a geopolítica, o fator posição vale mais para a segurança dos Estados do que o fator espaço e, a amalgamação, por sua vez, é vista como superior à conquista, como forma de assegurar o acesso a recursos e mercados.

Por fim, de acordo com as análises de Martin (1995, p. 91) em torno das relações entre a *Geopolitik* alemã e o nazismo, pode-se afirmar que:

Isto não isenta obviamente a produção geopolítica de críticas. Todavia é insensato imaginar que organizadas sob a forma de Estados nacionais, as sociedades humanas possam prescindir de reflexões sistematizadas que relacionem o espaço com o poder. Nesse sentido, a União Soviética soube explorar como ninguém as indicações mais preciosas da geopolítica, ao utilizar seu vasto território como reserva de segurança e, mais do que isso, ao aproveitar-se de sua posição neutralizando, em um primeiro momento, seu pior adversário a oeste [Alemanha]. Com isso, definiu a guerra a seu favor antes mesmo que ela começasse, invertendo em seguida, todo o *cordon sanitaire* da Europa Oriental em seu benefício. Através desta operação bem sucedida, os soviéticos confirmaram, talvez involuntariamente, a tese de Mackinder segundo a qual, a Europa do Leste constitui a zona nevrálgica principal das relações de poder, em uma escala planetária. Provaram assim, que os conhecimentos geopolíticos são imprescindíveis em questões de soberania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das temáticas enfocadas durante o transcorrer do texto, torna-se possível inferir que os debates realizados em torno do suposto envolvimento de Karl Haushofer com a política expansionista alemã encontram-se marcados por um misticismo e obscurantismo. Por vezes, este tipo de posicionamento torna-se até mesmo de cunho ideológico, reduzindo a obra do autor a mero instrumento difusor das teorias nazistas.

Nesse sentido, buscou-se com o trabalho lançar uma abordagem mais aprofundada sobre a produção teórica do autor. O fato de Haushofer encontrar-se no *hall* dos geopolíticos tidos como clássicos, demonstra que suas teorias e ideias tiveram grande impacto tanto durante a Segunda Guerra Mundial, quanto na produção posterior desse ramo do saber científico. Cabe lembrar que os pontos assinalados nesse trabalho não encerram a complexidade dos mesmos.

Por conseguinte, torna-se pertinente lembrar que a Geopolítica é alemã na medida em que talvez nunca na história, uma disciplina tenha sido tão dominada pelo destino de um povo. A tragédia da *Geopolitik* alemã ilustra uma interrogação permanente: poderá um ramo do saber que incida sobre o homem enquanto um ser cultural, ser uma ciência, isolando leis válidas para todos os lugares e todos os tempos?

Paradoxalmente, Haushofer que erroneamente passou para a história como o geopolítico responsável pela transformação da *Geopolitik* em arma do nazismo, foi um dos teóricos da Geopolítica Clássica que menor influência exerceu sobre a política externa de seu país. O expansionismo nazista se

deu em clara oposição àquilo que o general julgava mais conveniente à Alemanha: constituição de um bloco transcontinental euroasiático, composto por uma aliança entre Rússia, Alemanha e Japão, capaz de colocar em xeque o poderio naval da Inglaterra, além de poder suficiente para dominar o *heartland*.

Nesse âmbito, as evidências teóricas demonstram que a influência da teoria haushoferiana sobre a dimensão internacional do III *Reich* se deu muito mais de maneira indireta, provavelmente através da figura de Rudolf Hess. Este militar desde antes da subida de Hitler ao poder já era considerado como um dos mais eminentes discípulos de Haushofer. Assim, resgatando a ideia defendida por Lacoste (2008), de que Geografia serve, em princípio, para fazer a guerra, tem-se sempre que considerar que o processo científico está ligado a uma história e deve ser encarado, de um lado, nas suas relações com as ideologias, de outro, como prática ou como poder. Isso porque, a Geografia consiste em um saber estratégico, um poder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e Política: território, escalas de ação e instituições**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CLAVAL, Paul. **Espaço e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

DEFARGES, Philippe Moreau. **Introdução à Geopolítica**. Lisboa: Gradiva, 2003.

DORPALLEN, Andreas. **The World of General Haushofer: geopolitics in action**. Nova York: Pairar & Rinehart, 1942.

FEST, Joachim C. **Hitler**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

GRAY, Colin S.; SLOAN, Geoffrey (Org.). **Geopolitics, Geography and Strategy**. Londres/Portland: Frank Cass, 1999.

HAUSHOFER, Karl. **De la Géopolitique**. Paris: Fayard, 1986.

LACOSTE, Yves. **A Geografia: isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 14. ed. Campinas: Papirus, 2008.

MARTIN, André Roberto. **Fronteiras e Nações**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

_____. Geopolítica e Ideologia na Segunda Guerra Mundial. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico**. São Paulo: Xamã, 1995.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Quem Tem Medo da Geopolítica?** São Paulo: Hucitec/Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

Ó THUATHAIL, Gearóid; DALBY, Simon; ROUTLEDGE, Paul. **The Geopolitics Reader**. 2. ed. Londres: Routledge, 2006.

RATZEL, Friedrich. O Solo, a Sociedade e o Estado. In: **Revista do Departamento de Geografia**. São Paulo: USP/DG, n. 2, 1983.

SILVA, Altiva Barbosa da. **Povo Sem Espaço ao Espaço Sem Povo**: uma análise da *Zeitschrift für Geopolitik*. 152f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

TOSTA, Octavio. **Teorias Geopolíticas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

VESENTINI, José William. **Novas Geopolíticas**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

VICENS VIVES, Jaume. **Tratado General de Geopolítica**. Barcelona: Vicens-Vives, 1951.

VIGEVANI, Tullo. **A Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Moderna, 1990.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

WEIGERT, Hans W. **Geopolítica: generales y geógrafos**. 2. ed. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1944.

WHITTLESEY, Derwent. **German Strategy of World Conquest**. Nova York/Toronto: Farrar & Rinehart, 1942.

AGRADECIMENTOS

- Ao Prof. Dr. Paulo Fernando Cirino Mourão (UNESP - *Campus* de Ourinhos), pela orientação da pesquisa.
- À Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - *Campus* de Ourinhos, pelo suporte ao trabalho.
- À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo financiamento da pesquisa